ALBINO PACHECO

DEGENERESCENCIA

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1901

J. Ingenieros

DEGENERESCENCIA

ALBINO PACHECO

DEGENERESCENCIA

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1901

DISSERTAÇÃO INAUGURAL
PARA O ACTO DE CON-
CLUSÕES MAGNAS NA
FACULDADE DE MEDI-
CINA DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

Ao Senhor Conselheiro

CARLOS DA CUNHA PIMENTEL

Era ao bello espirito de Bernardino Passos que eu contava offerecer o meu trabalho.

Dedico-o hoje ao amigo que melhor soube amá-lo e comprehendê-lo.

DEGENERESCENCIA MENTAL

ASPECTOS DO PROBLEMA

«Voir clair dans ce qui est.»
SAINTE BEUVE.

Antes de MOREL e depois de MOREL. Expansão do conceito de degenerescencia e sua applicação aos dominios da psychiatria, da criminologia, da historia, da literatura e da arte. Abusos da doutrina e sua avariada divulgação pelos profanos. A suspeição sobre os homens de talento. Os psychiatras e os leigos: inconvenientes da *meia-sciencia*. Reconciliação das multidões com os intellectuaes. Intuitos d'este livro.

É relativamente moderno o termo *degenerescencia* introduzido na psychiatria, e no entanto ha muitos seculos já, com sorte vária, a noção que elle exprime fazia carreira e definia-se por vezes com notavel clareza nos textos que medicos e philosophos nos legaram.

Não é meu intento recuar muito atrás na historia e delinear a curva evolutiva que a moderna doutrina da degenerescencia mental tem percorrido desde o primeiro momento em que foi prevista e esboçada. Levar-me-ia muito longe um tal proposito, porque a simples referencia a algumas passagens de ARISTOTELES demonstra bem que, neste capitulo, as investigações teriam de

remontar pelo menos aos tempos da sabedoria hellenica, patenteándo-nos de surpresa a admiravel intuição com que já então fôram vistos os aspectos degenerativos, que os mais modernos psychiatras nos apresentam como acquisições inteiramente novas para a sciencia.

Não sei porém resistir á tentação de respigar uma parte da traducção de varios excerptos do *Problemata* do grande helleno, que encontro no livro de Soury (1).

Aristoteles nota que os homens illustres na philosophia, na politica, na poesia e nas artes eram *biliosos* ou *melancolicos,* a ponto de soffrerem das doenças que resultam da *bilis negra;* e parece-lhe que os antigos chamaram *mal sagrado* á epilepsia, porque Hercules a manifestára tambem no furor contra os filhos e na violencia com que dilacerava as proprias feridas. É ainda pela *bilis negra* que elle explica as modalidades psychicas de Ajax, Bellerophon, Empedocles, Platão, Socrates, «as de uma multidão de personagens illustres e da maior parte dos poetas». Era essa especie de temperamento a causa das doenças de muitos d'elles; em outros a sua disposição natural tenderia evidentemente para essas affecções, e nisso consistiria a *natureza particular* de todos os homens celebres.

D'aquelles cuja bilis é *abundante e quente,* uns tornam-se maniacos, alegres e emotivos; outros manifestam-se delirantes ou possuidos de furores divinos, como as Bacchantes e Sibyllas; alguns, finalmente, são com effeito melancolicos mas tornam-se mais reflectidos, menos singulares, e em *muitas coisas excedem os outros homens* nas sciencias, nas artes, ou na administração dos negocios publicos.

O *temperamento melancolico,* além de modificar os

---

(1) Jules Soury, *Système nerveux central, Structure et fonctions.* Paris, 1899, pag. 222.

individuos, como o fariam as doenças, é em si tambem muito instavel, e determina as mais diversas conductas em face d'um perigo: uns são cobardes e outros moderados, uns são impassiveis e outros colericos. Muitas vezes succede que o abatimento, as tristezas, as inquietações vagas se manifestam habitualmente sem causa conhecida, como se ignora o motivo do bom humor noutras conjuncturas. Estas affecções existem de resto mais ou menos, nalguma proporção, em toda a gente. Todavia, os que por natureza só ligeiramente participam d'esta crase são de compleição média; aquelles que d'ella participam mais completamente deixam *por isso de se parecer com a multidão dos outros homens.* Se a possuem muito concentrada, são extremamente melancolicos; se mais temperada, são superiores, acima do commum. Naquelles podem surgir signaes de *epilepsia* ou de *apoplexia;* manifestarem-se violentas *syncopes,* ou *terrores* inexplicaveis ou *audacias* inauditas.

Tudo isto resulta da crase; e se ella fôr demasiado fria determina o mal estar e a fraqueza de todo o ser, sem que nada explique taes estados. Então a gente moça principalmente, mas tambem ás vezes os mais idosos, *enforcam-se.* Muitos melancolicos suicidam-se depois de embriagados, outros matam-se subitamente, surprehendendo todo o mundo com essa morte, que nenhum signal precursor deixava prevêr.

Em summa, os melancolicos são desequilibrados porque os effeitos da *bilis negra* são irregulares e instaveis, porque a bilis póde ser muito fria ou muito quente, e é assim que ella actua sobre o moral. Como póde todavia succeder que a bilis, por muito instavel que seja, se encontre misturada em justas proporções; como ella póde ainda, conforme as condições, ser ora mais quente ora mais fria, segue-se que *todos os melancolicos são superiores aos outros homens, não por effeito d'uma doença, mas em virtude da sua natureza.*

..

Accessos epilepticos ou epileptoides e hystericos; obsessões, phobias, terrores, impulsões e suicidios; inquietações vagas, anciedades, tristezas e abatimentos — tudo fôra visto por ARISTOTELES, que explicava estes estados de harmonia com as doutrinas humoraes em voga no seu tempo.

Nas suas linhas geraes, em summa, toda a symptomatologia que os alienistas de hoje assignalam nos degenerados, era conhecida já do philosopho grego — que, naturalmente, apenas não poude ser moderno na interpretação dos factos. Se elle tivesse alludido á influencia da hereditariedade, que chegou a invocar na transmissão das tendencias maleficas, teria sido fundamentalmente completo, e os modernos psychiatras nada de essencial teriam accrescentado á sua obra.

Se quizessemos fazer toda a historia da questão ser-nos-ia facil encontrar a noção de degenerescencia espalhada em vária literatura, de ARISTOTELES para cá, invocada com diversas designações e sob multiplos aspectos; semelhante tarefa, porém, com ser demorada e laboriosa, nenhum coefficiente de valor poderia fornecer, susceptivel de pôr-se em equação que permittisse resolver um ou outro incidente do vastissimo problema.

Devemos contudo consignar que o primeiro texto scientifico que fala em *degenerados* se encontra num livro de BUFFON (1) com um sentido biologico determinado, mas entre sábios e profanos o termo possuiu os mais diversos significados, como testemunham, além d'outros, os excerptos seguintes:

«L'homme sauvage n'est point l'homme primitif, mais l'homme dégénéré.» (BALLANCHE.)

«Les plantes cultivées, les animaux domestiques que les soins de l'homme perfectionnent de plus en plus,

---

(1) Cit. por MOREL, *Traité des dégénérescences*. Paris, 1865, pag 14.

sont en réalité d'autant plus dégénérés, par rapport à la nature, qu'ils sont plus perfectionnés par rapport à nous.» (B. Barbé.)

«C'est par le désordre du premier âge que les hommes dégénèrent.» (J. J. Rousseau.)

«Tous les extrèmes faisant dégénérer, les tempérances régénèrent ou améliorent.» (Virey.)

«Toutes les maladies font dégénérer l'espèce humaine.» (Maquel.)

«Dans la nature, toutes les races qui ne se croisent pas dégénèrent.» (Raspail.)

«La chute de l'homme dégénéré est le fondement de la théologie de presque toutes les nations.» (Voltaire.)

«On ne suit pas toujours ses aïeux ni son père;
Le peu de soins, le temps, tout fait qu'on dégénère,
Faute de cultiver la nature et ses dons.» (La Fontaine.)

Por estas citações, que poderiamos reproduzir ao infinito, se vê já como o vocabulo e a idéa desde ha muito se insinuavam e expandiam em todas as direcções numa tendencia desastradamente abusiva que até aos tempos modernos não permittiu que o conceito de degenerescencia se definisse com clareza e que nem mesmo a sua extensão fôsse bem assente e delimitada entre os proprios alienistas.

Nos dominios da psychiatria a noção de degenerescencia foi introduzida por Morel, mas não póde contestar-se que varios precursores lhe haviam preparado o terreno. No periodo analytico do principio d'este seculo que fez o naufragio da doutrina de Griesinger, a observação minuciosa e pormenorizada dos loucos conduziu a classificações em que os symptomas formavam a base dominante.

Formulou-se a distincção entre *loucura geral* e *loucura parcial*, já esboçada por Zacchias e Boerhaave no seculo XVIII; Pinel descreve a *mania sem delirio*; Pritchard a *loucura moral*; Esquirol as *monomanias* e Ferrus os *delirios parciaes* — outros tantos grupos cujas fórmas os modernos auctores alinham sob a rubrica de *loucuras degenerativas* ou de *loucuras hereditarias*. E a influencia da hereditariedade, de ha muito presentida e acceita, fôra já antes de Morel largamente demonstrada por Prosper Lucas e por Moreau de Tours, que tinham reconhecido a hereditariedade de transformação nas doenças mentaes (1) salientando assim a importancia d'este factor em psychiatria.

Moreau particularmente, tendo amplificado muito a concepção dos estados degenerativos, no livro *A psychologia morbida nas suas relações com a philosophia da historia* manifesta bem o interesse especial que lhe mereceu a investigação dos antecedentes pessoaes e hereditarios, e procurou além d'isso estabelecer os signaes objectivos da hereditariedade (2).

A partir porém do trabalho magistral de Morel, a doutrina da degenerescencia e a acção do factor hereditario radicaram-se enfim como acquisições definitivas em materia de pathologia mental.

E nem o facto do mesmo problema haver sido abordado anteriormente por outros alienistas tira a Morel o enormissimo valor que a sua obra encerra, uma vez que não póde considerar-se exaggerada a apreciação de Morselli: «... ma più esattamente e propriamente di tutti lo applicó il genialissimo fra gli alienisti, colui al quale la Psichiatria deve il fondamentale concetto della dege-

---

(1) Magnan et Legrain, *Les dégénérés*. París, 1895, pag. 11.

(2) Sr. dr. Basilio Freire, *Os degenerados*. Coimbra, 1886, pag. 47.

nerazione psichica ereditaria, intendo J. B. Morel. Ora, è a notare che la grande opera del Darwin sull'origine delle specie escì, è vero, nel novembre 1859; ma il movimento da essa occasionato nelle scienze biologiche, e soprattuto le indagini nel campo della filogenia, le quali così vivamente illuminarano i fenomeni dello sviluppo individuale (ontogenia), non cominciarono se non negli anni posteriori. Si può affermare, da ciò, che la Psichiatria precorse alla Biologia nella direzione odierna delle ricerche intorno ai caratteri tipici ed alle variazioni dell'individualità.» (1).

O testemunho auctorizado e insuspeito do professor italiano dá-nos bem a medida da acção fecundissima que Morel exerceu na psychopathologia, e do modo verdadeiramente genial como elle, numa epocha em que as doutrinas darwinianas se não repercutiam ainda nas mais amplas questões da biologia, conseguira abrir largos horizontes e imprimir uma orientação luminosa e inedita, creando novos aspectos, ás investigações dos alienistas.

Pondo de parte o methodo symptomatico que até então era a bussola unica em nosographia psychiatrica, instituiu e utilizou o methodo etiologico-clinico, que lhe permittiu realizar uma nova classificação das doenças mentaes, fragmentando o grupo então vastissimo das monomanias, formulando o conceito da degenerescencia e definindo as loucuras hereditarias.

A concepção d'estas, que na sua obra formam um capitulo enorme, resultou d'elle haver notado a relação de dependencia reciproca dos factos morbidos hereditarios. Surprehendeu e pôs em relevo a seriação gradual de todos os estados intermediarios entre a mais insigni-

---

(1) Morselli, *Manuale di semejotica delle malat. ment.* Vol. II. Milano, 1894, pag. 12.

ficante excentricidade nos actos ou a mais ligeira aberração da sensibilidade moral — *loucura moral* e *loucura lucida* — por um lado, e a imbecilidade ou a idiotia por outro.

Demonstrou que a influencia do solo, do clima, da hygiene, de certas industrias, dos habitos viciosos, só por si ou combinada com a da hereditariedade, podiam provocar desvios e anomalias tanto de ordem intellectual e moral como de ordem physica — e assim creou e impulsionou a investigação da *estigmatização physica* dos degenerados e dos hereditarios (1).

As idéas de Morel exerceram uma influencia fecundante sobre os alienistas de todos os países, e um grande numero de trabalhos se têem publicado posteriormente ácerca do problema da loucura hereditaria e dos estados degenerativos.

Por um lado procurou-se achar a fórmula que liga a degenerescencia ás anomalias morphologicas e funcionaes, isto é, investigou-se no sentido de estabelecer a estigmatização dos degenerados; d'outra parte indagaram-se as relações entre a degenerescencia e as psychopathias, a feição, o cunho especial e por assim dizer *anomalo* que aquella imprime a estas, de modo a poder reconhecer-se o fundo degenerativo de qualquer fórma de alienação em cada caso particular, assim como as allianças e associações possiveis d'uma dada psychose com os syndromas degenerativos.

Apesar, porém, da abundantissima bibliographia que já hoje possuimos sobre o assumpto, ou por ventura em consequencia d'essa mesma abundancia de documentos produzidos em tão curto prazo, não se entendem ainda os auctores quando tratam de definir a extensão do conceito de degenerescencia, e muitos dos problemas

---

(1) Morel, *Traité des mal. ment.* París, 1870, pag. III.

que giram em torno d'esta doutrina constituem por enquanto motivos de irreductivel controversia.

Uns, por exemplo, relacionam com a degenerescencia mental as alienações sem delirio (obsessões e impulsões morbidas, loucura lucida e loucura moral) e as perturbações primitivas da intelligencia — os delirios primarios, as paranoias; outros, ao contrario, descrevem essas fórmas áparte, como entidades autonomas, sem nada de commum com os estados degenerativos.

Opportunamente sondaremos mais por miudo estes aspectos litigiosos da questão e completaremos o estudo, que nesta altura nos convém deixar apenas esboçado.

A theoria da degenerescencia irrompeu tambem, sob varios disfarces e com diversas designações, no terreno da criminologia, onde ella fez, pelas mãos de Cesare Lombroso e da sua escola, a mais agitada e ruidosa investida que póde registar-se na historia dos modernos torneios scientificos.

Devem, é certo, considerar-se como precursores da doutrina italiana Lavater com os seus estudos physionomicos, e particularmente Gall, além de varios outros, com a sua phrenologia.

Mas é afinal uma inoffensiva banalidade o dizer-se que tal ou tal reforma scientifica se vinha preparando de longe, sem que isso nada prejudique e empanne a gloria e o excepcional valor de sabios como Lombroso, Garofalo e Ferri, os tres formidaveis investigadores a quem principalmente se deve o systema engenhoso e tão largamente documentado, que é a escola criminal anthropologica.

Pela primeira vez lançada com muito arrojo e muita audacia nas paginas do *Uomo delinquente* — cheias do exaggero inherente a toda a doutrina revolucionaria que se pretenda fazer triumphar — ella foi desde logo ado-

ptada por Garofalo e Ferri, os dois collaboradores mais apaixonados do mestre, que a completaram e defenderam dos primeiros embates violentos, esbatendo e corrigindo ao mesmo tempo alguns erros, de que o proprio Lombroso não teve duvida em penitenciar-se nas ulteriores edições da sua obra, assim mais harmonica no conjuncto com a *Criminologia* de Garofalo e com a *Sociologia criminal* de Ferri.

Em face da escola italiana, o livre arbitrio viu-se desthronado e substituido pelo determinismo como melhor criterio na apreciação dos actos delictuosos. Supprimida a responsabilidade moral como base das leis penaes, achou-se na necessidade da defesa social a justificação do direito de punir.

Demonstrou-se a existencia de individuos dotados de instinctos criminosos, procurou-se fixar os seus caracteres, os seus estigmas, e fazer uma classificação dos delinquentes subordinada aos novos principios.

Instituiu-se, em summa, o estudo psychologico e anthropologico dos criminosos, investigaram-se as causas physicas, biologicas e sociaes do crime, discutiram-se os factores cosmicos, anthropologicos e sociaes da criminalidade, e d'esta fórma o systema conclue: ou pelo exclusivo aspecto biologico do delicto como primitivamente o affirmou Lombroso, ou pela multipla etiologia physica, biologica e social com que no-lo apresenta Ferri.

D'esta febril actividade scientifica, cuja bibliographia é hoje extensa e volumosa, resultou um mais perfeito conhecimento das condições anatomo-physiologicas e psychologicas do delinquente, encarado por modo diverso conforme os auctores, mas no fundo sempre reconhecivel a noção d'um estado degenerativo — ao qual podem reduzir-se facilmente todos os conceitos a que o systema conduziu.

Lombroso começou por constituir o seu typo de *cri-*

minoso nato, procurando engenhosamente caracterizá lo pela estigmatização morphologica, considerando-o como o *homem primitivo* resurgido no meio das sociedades modernas por um phenomeno de atavismo, e reforçava este ponto de vista comparando o criminoso ás creanças, que, segundo elle, reuniriam todas as anomalias moraes do delinquente: egoismo, crueldade, vaidade, inveja, mentira, gulodice, além de varias deficiencias mentaes como a logorreia, a echolalia, a paraphrasia, etc.

Este typo unico, assim baseado no triplo criterio da estigmatização physica, do atavismo, e da psychologia infantil, e que o proprio auctor reconheceu não convir a todos os criminosos, realizava admiravelmente um typo degenerativo.

Demonstrada a insufficiencia e o radicalismo insustentavel do primitivo typo lombrosiano, a mesma escola, pelo mestre e pelos discipulos, se incumbiu de crear outras classes de criminosos.

Lombroso já na segunda edição francêsa do *Uomo delinquente,* sem abandonar a sua creação do criminoso nato, completa a serie criminal com o estudo do louco moral, do epileptico, do delinquente occasional e do delinquente passional, deixando assim transparecer a confissão tacita da inanidade da estigmatização morphologica dos criminosos, que inicialmente com tão calido enthusiasmo defendêra. (1)

Na classificação de Ferri encontramos quatro grupos analogos: criminosos alienados, natos, por habito adquirido, occasionaes e passionaes.

Maudsley, um dos primeiros a quem se deve o estudo do lado psychiatrico do problema criminal, fala-nos de loucos moraes e de degenerados (2).

---

(1) Dallemagne, *Théories de la criminalité*. Masson et C.ie París, pag. 19.

(2) Maudsley, *Le crime et la folie*. Vol. viii da Bibl. scient. inter.,

Onde Lombroso invocára o atavismo *morphologico* exclusivo, Colajanni explica a delinquencia pelo *atavismo psychico,* desviando-se assim um pouco das doutrinas do mestre. Este ainda, utilizando as ultimas conclusões de Charcot e da sua escola sobre a natureza e os variadissimos symptomas da hysteria, pretendeu tambem considerar os criminosos como hystericos, chegando até ao exaggero de affirmar que, na ausencia de outras determinações morbidas, o acto criminoso seria em si um symptoma da hysteria, da mesma fórma que de outra vez considerára o delicto em muitos casos como a unica manifestação de epilepsia (1).

Não chegou a imaginar um typo de *criminoso hysterico,* mas admittiu que, nos individuos em que a hysteria é congenita e acompanhada de um certo grau de perversão, existem alguns caracteres particulares: — olhar timido, obliquo; rosto pequeno, pallido, alongado; implantação irregular dos dentes, cavalgados e rachiticos; movimentos desordenados da face e das mãos; asymetria facial; cabellos negros e excessivos. Do lado psychico: tendencias para o automatismo; mobilidade de espirito; o vicio indomito da mentira e da calumnia; e finalmente o erotismo, muitas vezes coroado deploravelmente por uma ou outra fórma de psycopathia sexual.

Além da epilepsia e da hysteria como factores biologicos da delinquencia, invocou-se tambem a neurasthenia, por iniciativa de Benedikt (2). Não era bem a doença de Beard que, segundo o illustre professor de Vienna, deveria encontrar-se nos criminosos, mas «uma neurasthenia moral combinada com uma neurasthenia

---

París, 1877, pag. 26 e seguintes; e cit. do sr. dr. Basilio Freire, *Os Criminosos*. Coimbra, 1889, pag. 29.

(1) Dallemagne, *Théories de la criminalité*, pag. 29.

(2) Delassus, *Les théories mod. de la criminalité*. París, 1890, pag. 52.

physica, que é congenita ou adquirida na primeira infancia». O elemento dominante d'essa fórma neurasthenica de natureza muito especial seria uma aversão pelo trabalho, aversão levada até á resistencia, e dependente da constituição nervosa (1).

Explicando o que seja a neurasthenia moral, BENEDIKT diz-nos o seguinte: se um individuo desde a infancia não tem força para resistir ás solicitações instantaneas nem de obedecer aos motivos nobres, e principalmente se esta lucta moral tem para elle como resultado um sentimento penoso — será então um neurasthenico moral. Nestas condições evitará, com o tempo, todo o combate moral, subordinando as suas acções e os seus sentimentos á pressão d'essa neurasthenia moral, e utilizará para seu uso um systema de philosophia pratica tendo por base a aversão pela lucta moral. A primeira e a mais simples manifestação da neurasthenia encontra-a BENEDIKT na vagabundagem. E se no vagabundo ao estado moral neurasthenico se allia um desejo intenso de goso, elle tornar-se-á delinquente, porque só pelo crime poderá saciar a sua sêde de prazer.

Taes são, em ligeiro resumo, os principaes aspectos sob que tem sido encarado o problema da criminalidade dentro dos limites que mais estrictamente podem assignalar-se á escola anthropologica, e que eu comecei por affirmar que todos, sem grande esforço de analyse, se reduzem á doutrina da degenerescencia.

Em primeiro logar, os trabalhos iniciaes de LOMBROSO forneceram-lhe materiaes para a creação d'um typo que realiza muito exactamente o da degenerescencia; com effeito esta, segundo o conceito anthropologico formulado

---

(1) DALLEMAGNE, *Théories de la criminalité*, pag. 112.

por Tanzi e Riva, esboçado já no magnifico trabalho do professor sr. dr. Basilio Freire (1), e resumido d'um modo muito suggestivo pelo sabio alienista sr. Julio de Mattos (2), implica, como a synthese lombrosiana, a idéa de regressão atavica; e as anomalias do criminoso-nato sobrepõem-se uma por uma aos estigmas degenerativos. O typo do delinquente coincide com o do degenerado.

A escola italiana apresenta-nos depois outras fórmulas, que egualmente pertencem á degenerescencia, como é facil concluir das relações d'esta com a loucura moral, com a epilepsia, e do estudo dos *syndromas degenerativos* — em que as obsessões, as impulsões e a emotividade têem uma larga e importante representação.

Pelo que respeita ao criminoso-hysterico, Lombroso apresentou-no-lo de modo a reconhecer-se nelle um degenerado com estigmas sufficientes: anomalias do rosto e dentes, *tics* da face, automatismo psychico, mobilidade de caracter, tendencia para a mentira, e finalmente erotismo ou até psychopathia sexual. Em face d'este quadro mesmo incompleto o diagnostico de hysteria deveria completar-se com o de degenerescencia porque, áparte as suas relações de interdependencia, podem achar-se reunidas no mesmo individuo.

Por ultimo, a theoria do criminoso-neurasthenico não resiste a uma ligeira analyse. A neurasthenia moral de Benedikt é degenerescencia mental pura. Caracterizá-la pela frouxa ou nulla resistencia do delinquente aos estimulos momentaneos — emotividade e impulsividade —; pela falta de obediencia aos estimulos nobres — obtusão moral — e pela aversão ao trabalho — que não é por certo simples *amyosthenia* (visto que elle é senhor da

---

(1) *Os degenerados*. Coimbra, 1886.
(2) *A Paranoia*. Lisboa, 1898, pag. 179.

sua actividade e dos seus movimentos para tudo o que não tenha um fim productivo e util), mas por ventura em muitos casos verdadeira *abulia systematizada;* lançar mão d'estes elementos para caracterizar a neurasthenia moral é, dizia eu, fundi-la indissoluvelmente com a degenerescencia mental que os inclue como syndromas no quadro da sua complexa symptomatologia.

O facto até certo ponto banal de vermos installada a neurasthenia num individuo degenerado explica-nos a confusão de Benedikt, e previne-nos do cuidado que devemos pôr em discernir bem, para cada caso particular, os estigmas e perturbações neurasthenicas dos estigmas e syndromas degenerativos.

Era de resto desnecessario levar muito longe — e por isso as reduzi ao esboço rapido que acaba de ler-se — as considerações tendentes a descobrir a degenerescencia no fundo de todos os trabalhos da escola criminal anthropologica. Surge naturalmente esta verdade a quem se preoccupe um pouco com os largos pontos de vista das mais vastas syntheses biologicas, e d'isso nos dão testimunho as palavras com que Nordau abre uma carta dedicatoria a Cezare Lombroso: «La notion de la dégénérescence, introduite d'abord par Morel dans la science, développée par vous avec génie, s'est, entre vos mains, déjà montrée extrèmement féconde dans les directions les plus diverses. Vous avez répandu sur de nombreux chapitres obscurs de la psychiatrie, du droit criminel, de la politique et de la sociologie, un véritable flot de lumière que seuls n'ont point perçu ceux qui se bouchent les yeux par entêtement, ou qui ont la vue trop obtuse pour tirer profit d'une clarté quelconque» (1).

(1) Max Nordau, *Dégénérescence,* v ed. da trad. francêsa, t. I. París, 1899, pag. 5.

Independentemente, porém, da analyse que me permitti fazer e da citação, analoga a muitas outras que poderia referir, a subordinação da criminalidade á degenerescencia — designada explicitamente por este termo — tem sido, *larga manu,* discutida e documentada em varias brochuras em que ella se vê franca e abertamente lançada, posta em relevo e com nitidez destacada da especie de estado latente em que se apresenta nos primeiros trabalhos da escola criminal anthropologica. Ch. Féré, por exemplo, que nesta ordem de estudos é uma das mais genuinas auctoridades, publicou um volume sob o titulo de *Dégénérescence et Criminalité* (1), e, com esta epigraphe, todos os livros tratando no conjuncto os aspectos biologicos da delinquencia incluem um ou outro capitulo, mais ou menos desinvolvido. Para não me alongar em citações, aliás superfluas, referir-me-ei apenas a Dallemagne.

Segundo o sabio professor da Universidade de Bruxellas, a theoria da criminalidade-degenerescencia é, «entre as hypotheses criminologicas, uma das mais solidamente estabelecidas; conta numerosos partidarios e para ella convergem por assim dizer, explicitamente ou não, a maior parte das outras doutrinas. Ella é de resto a mais ecletica, a que se harmoniza melhor com a totalidade dos factos, e as objecções que se levantam visam apenas algumas das suas tendencias demasiado generalizadoras» (2).

Em summa, a psychiatria por um lado, sob o impulso vivificante das idéas de Morel, procurava estudar em todas as suas particularidades o grupo dos degenerados, descrevendo-lhes os syndromas e enumerando e seriando os estigmas; por outro lado a anthropologia criminal es-

---

(1) Ch. Féré, *Dégén. et criminalité*, 3.ème éd. Paris, 1900.
(2) Dallemagne, *Théories de la criminalité*, pag. 177.